

Extrativismo vegetal na Amazônia

história, ecologia,
economia e domesticação

...vere
...sa, jabo
...lorestais), e:
...ção para as gusúria,
...pu
...xtrativ
...aspectos,
...metano... trabalhos resultantes de pesquisa
...nos 20 anos... que sofreram adaptações, tendo sido publicados nas séries da...
...Revista Amazônia: Ciência e Desenvolvimento, Revista Ciência Hoje, Revista Estudos Avançados, Análises do
...tração e Sociologia Rural (Sober), Encontros da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica (Ecoeco)
...zônia e seminários diversos. Apresentamos o artigo que foi conhecido ao longo do tempo por meio de cursos, artigos
...tecnologia Agropecuária para o Brasil (Prodetab) do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia do Estado do Pará, além
...Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e, especialmente, do Brasil da Amazônia.
...ase com relação ao extrativismo vegetal pós-ambiental de Chico Mendes (1946-1988), envolvendo as polít
...anizações não governamentais, que o colocam como cerne da discussão para a redução
...atamentos e queimadas, para a geração de emprego e renda e como modelo de desenvolvimento adequado para a região amazônica.
...an desafio promover o desenvolvimento de cadeias produtivas de produtos dispersos em neo
...quantidades, sem economia de escala, com falta de infraestrutura, baixa produtividade da terra e da mão de obra, perecibilidade e baixo valor dos pr
...ogramas sociais como Bolsa Família. A separação em produtos florestais madretiros e não madretiros como concepção traduz a falsa ilusão d
...do sustentáveis por definição. A sustentabilidade econômica versus t
...endera da taxa de extração
...nem sempre a sustentabilidade biológica garante a sustentabil
...Nesse é a diferença do ponto de vista econômico com relação a essa separação. A designação de produtos tradicionais, por si só, não é
...odutos extrativos da Amazônia, consideramos inexistentes, pe
......idade amazônica... famílias
......o euzaireiro... o jambu, o guaranazeiro...
...para garantir a geração de re
...garantir a preservação dos estoques re
......opical, que foi a seringueira, efetuada
......com a seringueira, a castan
...o equivoco...
......ma.

Alfredo Kingo Oyama Homma
Editor Técnico

Extrativismo história, ecologia, economia e domesticação Vegetal na Amazônia

...sa, jabo
lorestais), e
para as guseira,

pu
xtrativ
aspectos .

Metânc. ... trabalhos resultantes de pesq
nos 20 anos, que sofreram adaptação, tendo sido publicados nas séries da
Revista Amazônia: Ciência e Desenvolvimento, Revista Ciência Hoje, Revista Estudos Avançados, Anais dos
Extração e Sociologia Rural (Sober), Encontros da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica (Ecoeco)
Amazônia e seminários diversos. Apresentamos o texto que foi concebido no longo do tempo por meio de cursos, artigos
Tecnologia Agropecuária para o Brasil (ProCota) do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia do Estado do Pará e, mais
Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), especialmente do Brasil, da Amazônia.
Assim, em relação ao extrativismo vegetal pós-anos de Chico Mendes (1986-1988), envolvendo as poli
mitigating Emissions from Deforestation and Forest Degradation (REDD), dos programas federais de desenvolvimento do governo brasileiro
organizações não governamentais, que o colocam como cerne de estratégias para a redução
plantamentos e queimadas, para a geração de emprego e renda e como modelo de desenvolvimento adequado para a região amazônica.
um desafio promover o desenvolvimento de cadeias produtivas de produtos dispersos em pe
quantidades, sem economia de escala, com falta de infraestrutura, baixa produtividade da terra e da mão de obra, perecibilidade e baixo valor dos pr
programas sociais como Bolsa Família. A separação em produtos florestais madeireiros e não madeireiros como concepção traduz a falsa ilusão d
do sustentável por definição. A sustentabilidade econômica versus t
...enderá da taxa de extração: nem sempre a sustentabilidade biológica garante a sustentabil
... não há diferença do ponto de vista econômico com relação a essa separação. A designação de produtos tradicionais, por si só, não e
... produtos extrativos da Amazônia, considerados inextinguíveis, pr
...rsidade amazônica famílias
... çuzenro, o jambu, o guaranazero
... para garantir a geração de re
... garantir a preservação dos estoques rer
... tropical, que foi a seringueira, efetuado
... com a seringueira, a castani
... o equivoco

Alfredo Kingo Oyama Homma
Editor Técnico

Cap. 28

Setenta anos de pesquisa agropecuária na Amazônia: contribuições da Embrapa para fruticultura tropical¹

Alfredo Kingo Oyama Homma

Introdução

Este trabalho foi escrito como parte das comemorações dos 70 anos da criação do ex-Instituto Agronômico do Norte, comemorado em 2009. Neste artigo não se apresenta algo novo, apenas são listados alguns eventos, pessoas e instituições que, de forma direta ou indireta, estão associados ao desenvolvimento da fruticultura na Amazônia. Baseou-se apenas na coleta de informações disponíveis e colecionadas ao longo do tempo e sem a pretensão de publicar nesta oportunidade, não fosse a pedido do Dr. Cláudio José Reis de Carvalho, chefe-geral da Embrapa Amazônia Oriental na época, e a oportunidade concedida pelo 4ª Frutal Amazônia – Semana da Fruticultura, Floricultura e Agroindústria.

Os resultados de pesquisa são aditivos, associativos e multiplicativos. Isto indica que diversos resultados de pesquisa de instituições ou pesquisadores do passado e do presente podem ser somados, produzindo novas descobertas ou interpretações de fenômenos. Podem ser associativos, cujo conjunto de informações tende a produzir novos avanços na fronteira científica e tecnológica. Podem ser multiplicativos, uma vez que uma simples descoberta pode desencadear novas descobertas ou interpretações dos resultados anteriores.

Outro pressuposto importante diz respeito à fonte das tecnologias e descobertas científicas na Amazônia. Esta pode ter quatro origens principais. A primeira refere-se ao conhecimento tradicional milenar gerado pelas populações indígenas, que no caso da Amazônia refere-se ao conhecimento sobre os recursos naturais da região, por exemplo, o amplo conhecimento sobre as frutas nativas da Amazônia que muitos antropólogos atribuem aos indígenas e sobre a domesticação primitiva das castanheiras, pupunheiras e outras espécies vegetais existentes na floresta.

¹ Homma (2009).

O segundo aspecto diz respeito à transferência de tecnologia proporcionada pelos imigrantes, tanto nacionais como externos, que se estabeleceram na Amazônia. Muitas plantas importantes, como o café, tiveram a sua entrada no País pela Amazônia, que no caso das fruteiras apresenta um elenco de frutas exóticas (mangueira, bananeira, laranja, limoeiro, etc.) trazidas pelos colonizadores portugueses e pelos imigrantes na época contemporânea (mamão hawai, melão, noni, etc.).

A terceira origem refere-se à tecnologia gerada pelas instituições de pesquisa locais, correlata com a agricultura, que na Amazônia tem uma história bastante recente. O Museu Paraense Emílio Goeldi, a instituição de pesquisa mais antiga da Amazônia, foi fundado em 1866, seguindo-se o Instituto Agrônomo do Norte, em 1939, razão desta comemoração, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia implementado em 1954, a Escola de Agronomia da Amazônia que entrou em funcionamento em 1951, como as principais instituições mais antigas ligadas à pesquisa agrícola na região. A partir da década de 1960, outras instituições como a Ceplac (1965), universidades federais e estaduais criaram cursos relacionados às ciências agrárias e contribuíram para ampliar a fronteira de conhecimento científico e tecnológico sobre as fruteiras na Amazônia.

Finalmente, a quarta vertente refere-se à tecnologia gerada em instituições de pesquisa extra-Amazônia, tanto nacionais quanto externas, cujos conhecimentos terminam drenando para a região amazônica por meio de seminários, feiras e exposições, pesquisadores, extensionistas, técnicos, empresários, produtores e responsáveis por alguns dos grandes projetos relacionados à fruticultura, como castanha-do-pará, coqueiro, açaí, cupuaçu, laranja, guaraná, abacaxi, agroindústrias de sucos e polpas, palmito, entre os principais.

Donald E. Stokes (1927–1997) comenta que não são os pesados investimentos na ciência básica, guiada apenas pela curiosidade, capazes de assegurar, por si só, a tecnologia exigida para competir na economia mundial e satisfazer toda gama de necessidades da sociedade (STOKES, 2005). Assim, afirma que o desenvolvimento científico não assume uma relação linear (REBELLO; HOMMA, 2008).

Nessa linha, a partir de dois eixos cartesianos, constrói um modelo de quadrantes da pesquisa científica conforme apresentado na Figura 1. Essa construção evidencia quatro tipos de pesquisa, a saber: pesquisa básica pura; pesquisa aplicada; pesquisa básica inspirada pelo uso; pesquisa que explora fenômenos particulares sem ter em vista objetivos exploratórios e utilização prática dos resultados. O eixo vertical relaciona o projeto de pesquisa à sua relevância como gerador de conhecimento fundamental, aquele que leva a ciência a obter muito mais conhecimentos a partir dele. O eixo horizontal é associado à relevância em termos de aplicações tecnológicas, econômicas ou sociais imediatas.

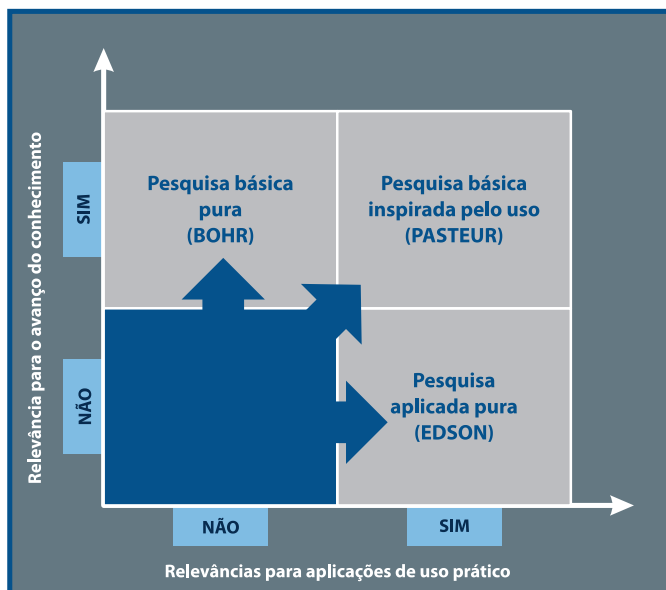


Figura 1. Modelo de quadrantes da pesquisa científica.

Fonte: Stokes (2005), adaptado por Rebello e Homma (2008).

Assim, no quadrante da **pesquisa básica** o objetivo é avançar o conhecimento sem interesse na sua aplicação. O físico dinamarquês Niels Bohr (1885-1962), que estudou a estrutura atômica, representa bem esse quadrante. Seus estudos foram importantes para aplicação de outros cientistas.

O quadrante da **pesquisa aplicada**, no qual a referência é o inventor e empresário norte-americano Thomas Edison (1847-1931), visa, exclusivamente, ao uso prático, sem preocupação em avançar o conhecimento. Ele foi um dos inventores mais produtivos, entendia pouco de eletricidade, mas tinha uma ou duas pessoas que o assessoravam nessa área, possibilitando a criação da lâmpada elétrica entre outros inventos de uso geral. Sua motivação era inventar e estava pouco interessado em proporcionar avanços ao conhecimento.

O quadrante inferior à esquerda é destinado à pesquisa que visa **sistematizar fenômenos particulares**, não busca atingir nenhum dos dois objetivos anteriores, mas tem grande utilidade para algumas pessoas. Determinados pesquisadores fazem trabalhos interessantes sem desejarem avançar o conhecimento e tampouco a aplicação prática. Roger Peterson (1908-1996), que fez o melhor catálogo de aves dos Estados Unidos, poderia, por exemplo, ser lembrado como uma referência nessa categoria.

No quadrante de Louis Pasteur (1822-1895) encontram-se as **pesquisas estratégicas**. Aqui o pesquisador tanto quer entender o mundo quanto quer que esse entendimento tenha aplicação prática. As pesquisas desse

quadrante têm dois objetivos: avançar as fronteiras do conhecimento, mas também possibilitar novas aplicações práticas, ou seja, ele resgata a importância da pesquisa estratégica e de desenvolvimento tecnológico. As investigações acerca dos problemas da broca-do-café ou do amarelecimento-fatal-do-dendzeiro, por exemplo, representam esforços nessa direção, uma vez que têm implicações com o desenvolvimento econômico. Pasteur representa esse quadrante por ter aplicado ao extremo seu conhecimento acumulado. Seus estudos na microbiologia e no conhecimento dos micro-organismos possibilitaram o desenvolvimento de vacinas, contribuíram, também, para o entendimento da fermentação na produção do vinho e da cerveja e aprofundaram os conhecimentos da química orgânica.

Na Amazônia, dada a dimensão de seu atraso (alguns irreversíveis) e dos desafios para minimizar os gargalos produtivos, os custos de produção e o mais eficiente uso dos recursos naturais, precisa-se avançar os esforços e investimentos na pesquisa científica e tecnológica na direção dos quatro quadrantes propostos por Stokes (2005). Poder-se-ia pensar em um modelo fabril de produtividade científica e avaliação administrativa (VALSINER, 2005), adotando procedimentos tayloristas² e de fordismo³, sem vetar a criatividade dos pesquisadores, no qual os resultados podem ser pré-fixados.

Este artigo procura relacionar os principais eventos que ocorreram com as frutas mais importantes na Amazônia, tanto nativas como exóticas. O conhecimento científico e tecnológico aplicado para a fruticultura amazônica representa, portanto, o produto aditivo, associativo e multiplicativo das quatro vertentes de forças acima mencionadas.

Linha do tempo sobre fruticultura na Amazônia

1614

Claude D' Abbeville, em seu livro *História da Missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*, já mencionava a existência de bananeiras no Maranhão. Fez parte da expedição de La Ravardiere, em 1612, e passou 4 meses no Maranhão.

² Método proposto por Frederic Winslow Taylor (1856–1915) para racionalizar a produção e possibilitar o aumento da produtividade do trabalho “economizando tempo”, suprimindo gestos desnecessários e comportamentos supérfluos no interior do processo produtivo.

³ Princípios da produção em massa adotados por Henry Ford (1863–1947), criando a linha de montagem e o conceito de posto de trabalho.

1669

Missionário João Filipe Betendorf na sua *Chronica* relata que os índios Andirás utilizavam o guaraná como “planta milagrosa” “tem os andirazes em seus matos uma frutinha a qual secam e depois pisam, fazendo delas umas bolas que estimam como os brancos o seu ouro. Chama-se guaraná. Desfeitas com uma pedrinha em uma cuia d’água... dão tanta força como bebida que indo à caça um dia até outro não sentem fome, além do que tiram febres, câibras e dores de cabeça”.

1676

Destinados a desenvolver plantios de arroz, tabaco, cacau e cana-de-açúcar, chegaram ao Pará 50 famílias dos Açores, totalizando 234 pessoas, fugindo da erupção do vulcão na Ilha de Faial, no arquipélago de Açores.

1679

O rei de Portugal encoraja os produtores a plantar mais cacau no Baixo Amazonas.

1736

O valor das exportações de cacau do Pará durante o Brasil Colonial atinge a participação máxima com 96,6%.

1741–1757

O padre João Daniel (1722–1776), missionário da Companhia de Jesus, viveu na Amazônia entre 1741 e 1757, quando foi preso por ordem de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês do Pombal (1699–1782), em 18 anos de prisão à qual não sobreviveu (1757–1776). Seu clássico livro *Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas* contém uma rica descrição das fruteiras encontradas na Amazônia.

1746

Nesse ano, as sementes de cacau do Estado do Pará foram levadas por Louis Frederic Warneaux para o fazendeiro Antônio Dias Ribeiro, na Fazenda Cubículo, às margens do Rio Pardo, no Município de Canavieiras, Bahia.

1752

São efetuados os primeiros plantios de cacau no Município de Ilhéus, Bahia.

1755

O Marquês de Pombal, o poderoso ministro do rei Dom José I, criou a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, em 7 de junho, que durou até 1778 e promoveu a expulsão dos jesuítas, carmelitas e franciscanos, em 1759.

1762

O frei João de São José de Queiróz, no relatório *Viagem e visita do sertão em o bispado do Grão-Pará em 1762 e 1763*, comentava sobre as excelências do guaraná na medicina.

1775

O ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio escrevia “os maués são famosos pela fabricação da célebre bebida guaraná, frigidíssima, que já se usa na Europa, em que se tem conhecido algumas virtudes no seu uso...”

1785

O baiano Alexandre Rodrigues Ferreira (1756–1815), geógrafo, zoólogo e botânico, descreveu o uso do guaraná em Barcelos e denominou de Franzinia, em homenagem ao seu professor de matemática de Coimbra.

1800

Alexandre von Humboldt (1769–1859), quando procurava a passagem do Rio Orinoco com o Rio Negro, identificou o guaraná como sendo cupana, daí a denominação, mais tarde, de *Paullinia cupana* H.B. Kunth.

1809

Os portugueses ocuparam a Caiena e remeteram plantas novas para o Pará: estoraque (*Liquidambar orientalis* Mill.), a verdadeira pimenteira da Índia, o cravo-da-índia, a noz de Bem, a moscadeira, a nogueira de Bankul, o bilimbi, a caramboleira, a bananeira de folha vermelha do Oceano Pacífico e a verdadeira árvore de fruta-pão.

1818–1820

O lado místico do guaraná impressionou von Martius, na sua viagem pela Amazônia, quando batizou o guaraná como *Paullinia sorbilis*, utilizada pelos índios Maués e Andirás, na forma de bastão e ralado na língua do pirarucu. O nome *Paullinia* foi colocado em homenagem ao médico e botânico alemão C.F. Paullinia, que morreu em 1712.

1850

19 de abril: Entrou no porto de Belém o brigue americano Edward Henry, que conduzia 50 t de gelo, importadas pelo negociante espanhol Marcos de Lima, estabelecido em Belém e casado com Dona Joanna Pires, natural como ele de Gibraltar, falecida em Belém a 7 de junho de 1846. Com esse gelo, o primeiro introduzido no Pará, que vendia a 100 rs. a libra, começou Marcos de Lima a preparar sorvetes, que só então foram ali conhecidos e custavam 320 rs. (uma pataca) cada um.

1852

Exportação de 262 arrobas de guaraná para a Europa.

1865

23 de abril: Chegou ao Rio de Janeiro o suíço Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807–1873), chefiando a Thayer Expedition, financiada pelo milionário americano Nathaniel Thayer, para estudar a fauna ictiológica da Bacia Amazônica, percorrendo o Rio Amazonas em todo o seu curso, visitando Tabatinga, Tefé, Manaus e retornando a Belém. Na visita a Maués toma conhecimento do guaraná.

1866

O romancista Inglês de Souza escreveu *O Cacaalista*, que se desenrola no Paraná-mirim, acima de Óbidos, onde se situavam fazendas de cacau, tratando das relações entre os cacaualistas.

1874

O cacaueteiro é introduzido na Nigéria.

1879

O cacaueteiro chega a Gana, trazido por Fernando Pó, procedente da Ilha de São Tomé e Príncipe.

1892

O cacauero é introduzido em Camarões.

1907

Surgiu em Manaus o guaraná Andrade, produzido pela Fábrica Andrade, a primeira do País a produzir refrigerante de guaraná, tendo funcionado até 1970.

1910

Início das atividades da Fábrica de São Vicente, em Belém, de dona Maria Rita Ferreira Santos (Dona Sinhá), pioneira na fabricação de doces, geleias e compotas de frutas nativas e exóticas da Amazônia (bacuri, cupuaçu, mangaba, cubiu, graviola, muruci, buriti, banana, goiaba e abacaxi), situada na Rua da Municipalidade, 629.

1912

O engenheiro agrimensor João Alberto Masô, delegado estadual do Ministério da Agricultura, introduziu o cultivo do guaraná no Estado do Acre.

1921

O refrigerante guaraná foi lançado no País pela Antarctica.

1924

A Brahma registra seu primeiro guaraná: Guaraná Genuíno.

1925

A Sociedade Bahiana de Agricultura introduz mudas de guaraná no Horto Botânico, em Retiro, Salvador.

1927

Lançamento do Guaraná Brahma, pela Companhia Cervejaria Brahma.

1929

No final do ano, 50 imigrantes japoneses pertencentes a nove famílias, foram para Maués trabalhar em uma concessão de 25 mil hectares para desenvolver plantios de cacau, guaraná e arroz, como os principais produtos. Esse núcleo colonial decorrente do fracasso foi absorvido, em 1939, pela colônia de Parintins, estabelecida em 1931.

1933

Plantio de 30 mudas de guaraná na Estação Experimental de Água Preta, atual Escola Média de Agricultura da Região Cacaueira, em Uruçuca, Bahia.

1937

Observem que na classificação botânica do guaraná estão envolvidos nomes de cinco cientistas: Humboldt, Bonpland, Kunth, Martius e Ducke. O estudo de Ducke promoveu a classificação final do guaraná como sendo: *Paullinia cupana* H.B.K. var. *typica*, o guaraná encontrado na Colômbia e Venezuela, originariamente por Humboldt e Bonpland, e *Paullinia cupana* H.B.K. var. *sorbilis* (Mart.) Ducke, o guaraná de Maués.

1938

Fundação da fábrica de produtos Globo, em Belém, priorizando o beneficiamento do guaraná, na forma de xarope e refrigerante, com a razão social Duarte Fonseca & Cia. Ltda.

1940–1945

Foram fundadas as fábricas Magistral, Luseia e Baré, em Manaus. Mais tarde surgiram as marcas Brasil, Líder e Tuchaua.

1942

Felisberto Cardoso de Camargo, diretor do Instituto Agronômico do Norte (IAN), trouxe mudas de mangostão do Panamá.

1944

Entrada da sigatoka-amarela na Amazônia.

1945

O comerciante Ovídio Bastos, estabelecido na Avenida Mundurucus, em Belém, utilizou a primeira máquina de amassar açaí, que veio a substituir as “amassadeiras de açaí”.

Início das pesquisas com a cultura do cacau no IAN.

1946

O médico Otthon Machado tenta caracterizar os princípios medicinais do guaraná como antitérmico, antineurálgico e antidiarreico.

1949

30 de setembro: Fundação da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (Camta).

1956

Professora Maria Celene Cardoso de Almeida, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, introduz acerola trazida de Porto Rico.

1957

20 de fevereiro: Criada a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), em Itabuna, BA, vinculada ao Ministério da Fazenda, pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

1958

Cosme Ferreira Filho foi o primeiro a fabricar guaraná em pó, para substituir o trabalhoso processo do uso do guaraná em bastão.

1959

Encontrada em Cametá, localidade de Pacajás, situada a 500 m da margem esquerda do Rio Tocantins, matriz de cupuaçu com frutos sem sementes, de todas que foram disseminadas pelo IAN, Instituto de Pesquisa Agropecuária do Norte (Ipean) e Embrapa Amazônia Oriental. O proprietário era um senhor de 70 anos, com uma produção média de 50 a 60 frutos colhidos por safra e a equipe do IAN verificou que os frutos apresentavam 2,7 mil gramas de peso. O tronco estava brocado e a copa reduzida, em virtude da constante retirada do material. No ano seguinte, em outubro, a equipe do IAN retornou para coleta de material, tendo efetuado 633 enxertos, dos quais 535 tiveram sucesso.

1960

Início das pesquisas agronômicas com o guaraná no IAN.

1961

Antônio Lemos Maia efetua o primeiro plantio de guaraná com fins comerciais na Bahia, no Município de Ituberá.

Outubro: O financiamento das atividades da Ceplac era garantido pela Cota de Contribuição Cambial, em torno de 10% do valor das exportações FOB, garantido uma segurança nos recursos e autonomia financeira até dezembro de 1983.

1962

Criação do Centro de Pesquisas do Cacau (Cepec), em Itabuna, na Bahia.

1963

A Companhia Antarctica Paulista adquire uma fazenda em Maués com 1.070 ha, que em 1972 foi transformada em Sociedade Agrícola Maués (Samasa).

Paulo de Tarso Alvim Carneiro, mundialmente conhecido como Paulo Alvim, implanta o Cepec, que dirigiu até a sua aposentadoria em 1988, promovendo a revolução tecnológica na cultura do cacau.

1964

Criação do Departamento de Crédito e Extensão Rural da Ceplac.

1965

Implantação da Ceplac nas dependências do Ipean, com a chegada do agrônomo Charles José Leondy de Santana.

1966

12 de abril: Início das atividades da Benedito Mutran & Cia. Ltda. no beneficiamento da castanha-do-pará.

1967

É realizada, em Belém, a *1ª Conferência Nacional da Castanha-do-Pará*, no período de 20 a 22 de fevereiro, aberta pelo governador Alacid Nunes.

1968

Novembro: Implantada a Resolução 42, pelo Conselho Nacional do Comércio Exterior (Concex), visando proteger o padrão do cacau brasileiro e com isso prejudicando a qualidade do cacau amazônico. Essa Resolução vigorou até setembro de 1988.

1969

15 de maio: Decreto 104.492 criou o Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), com sede em Manaus e abrangência nos estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima.

1970

A Ceplac instalou a unidade de pesquisa em Manaus, nas dependências do IPEAAOc, coordenado por José Carlos do Nascimento. Em julho, em Rondônia iniciou-se o desenvolvimento dos plantios de cacau liderado por Frederico Monteiro Álvares-Afonso.

1971

Fazenda Cultrosa, no Município de Camamu, Bahia, inicia plantios em escala comercial de guaraná.

Início dos plantios de cacau em Castanhal, Santa Izabel do Pará e Tomé-Açu, nas áreas abandonadas de pimentais pela Sagri, no governo Fernando Guilhon.

Primeiros plantios de cacau em Brasil Novo, na Rodovia Transamazônica e em Rondônia, pela Ceplac.

1972

14 de novembro: O presidente Médici assina a Lei dos Sucos (Decreto-Lei 5.823), regulamentada pelo Decreto-Lei 73.267, de 6 de dezembro de 1973, estabelecendo os quantitativos de 0,2 g a 2 g de guaraná para cada litro de refrigerante e de 1 g a 10 g de guaraná para cada litro de xarope.

Paulo B. Cavalcante inicia a publicação de *Frutas Comestíveis da Amazônia*, em três volumes, o segundo em 1974 e o último em 1979.

A médica romena Ana Aslan, na sua visita ao Brasil, enfatizou as propriedades geriátricas do guaraná, uma vez que estava cuidando do caudilho Juan Domingo Perón (1895–1974), que iria assumir o governo da Argentina no período de 1973–1974, aumentando a mística dos benefícios do guaraná.

Primeiro plantio de cacau em Altamira.

1973

Implantação do plantio de guaraná pela Antártica, como decorrência da Lei dos Sucos, no Município de Maués, Amazonas, gerenciado pelo agrônomo Kiyoshi Okawa.

Divulgação de estudos de mercado de guaraná executados pela Universidade Federal de Viçosa em convênio com a Acar-Amazonas

Primeiros plantios de cacau em Medicilândia e Uruará.

1974

16 de abril: Criação do Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira, em Manaus, pela Deliberação da Diretoria 098/74.

18 de abril: Ceplac foi incorporada ao Ministério da Agricultura, desvinculando-se do Ministério da Fazenda, por meio do Decreto-Lei 73.960.

1975

23 de janeiro: Deliberação da Diretoria da Embrapa 005/75 criou o Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido (Cpatu).

13 de junho: Deliberação da Diretoria 028/75 criou a Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Manaus (Uepae de Manaus) e de Altamira (Uepae Altamira).

Ceplac inicia pesquisas com guaraná, com material proveniente do Cpatu na Estação Experimental Lemos Maia, em Una.

No município baiano de Camamu, a Agro-Brahma S.A. é implantada ocupando uma área total de 1.250 ha, dos quais 255 ha plantados com guaraná.

Implantação da estrutura técnico-administrativa do Departamento Especial da Amazônia (Depea), em Belém.

1976

Início das plantações de guaraná, no Estado do Mato Grosso, em Alta Floresta, pela Colonizadora Indeco.

Lançamento de Diretrizes para a Expansão da Cacaucultura Nacional (Procacau), pelo presidente Ernesto Geisel, que vigorou no período de 1976 a 1985.

Foi aprovada a utilização do Fundo Rotativo Suplementar para a expansão da cacaucultura (Fusec).

Implantação no Município de Moju, a 110 km de Belém do Pará, do maior plantio de coqueiros do país, com 796 mil coqueiros plantados em cerca de 5 mil hectares.

1976 (?)

O agrônomo sergipano Antônio Soares Neto, da Emater/PA, durante a década de 1970, trouxe mudas de Sergipe para iniciar os primeiros plantios de laranja no Município de Capitão-Poço, Pará. Plantou as primeiras 4 mil mudas, em áreas decadentes de pimentais, que contou com o apoio da Sagri e Emater na distribuição de mudas e teve forte impulso na década de 1980. Akihiro Shironkihara, pastor da Igreja Tenrikyo, introduziu o cultivo do mamão hawai, desenvolvido pela Universidade do Hawai.

1977

Início das pesquisas sobre a propagação vegetativa do guaraná executadas pela Uepae de Manaus.

1978

Ernesto Geisel assina a Lei 6.576/78 proibindo a derrubada de açazeiros para extração de palmito.

1979

A Ceplac instala a Estação de Recursos Genéticos José Haroldo (ERJOH), que constitui o terceiro maior banco de germoplasma de cacau do mundo, a 17 km de Belém, com quase 2 mil acessos de variedades nativas da Amazônia.

1980

O agricultor Katsutoshi Watanabe foi o primeiro plantador de cupuaçuzeiro em escala comercial no Estado do Pará.

1981

O governo do Estado do Amazonas financia a produção de 100 mil mudas de guaraná pelo processo de enraizamento de estacas.

Incentivo ao plantio de guaraná em Roraima.

Fabricação do guaraná em pó solúvel pelo Cpatu.

A Fazenda Aruanã inicia o plantio de 3,5 mil hectares, com mais de 300 mil castanheiras enxertadas na margem esquerda da rodovia Manaus-Itacoatiara.

Carlos Hans Müller publica *Castanha-do-brasil*, estudos agrônômicos que justificariam os esforços do setor produtivo no plantio dessa árvore.

1982

15 a 17 de fevereiro: É realizado em Belém, o 1º *Simpósio Nacional da Castanha* promovido pela Sudam, coordenado pelo Superintendente Elias Seffer.

As normas e padrões sobre a classificação do guaraná estão regulados pela Portaria 70, de 16 de março de 1982, do Ministério da Agricultura.

Eunice Michilles, deputada estadual (1974–1978), senadora (1979–1987), publica o trabalho *Uma alternativa econômica e social para o Brasil: a cultura do guaraná*, defendendo a proposta de fundação do Instituto do Guaraná. No início, dedicou-se às atividades de magistério no Município de Maués.

Instalação da Ceplac na Rodovia Augusto Montenegro, em Belém, Pará.

1983

7 de julho: Lançado em Manaus o Programa Nacional de Estímulo ao Desenvolvimento do Guaraná, pela Secretaria de Produção Rural do Estado do Amazonas (Sepror), que tinha como meta estabelecer 16 mil hectares de guaraná no Estado do Amazonas no quadriênio 1982–1985, chegando apenas a 4 mil hectares.

24 a 28 de outubro: Realização do *1º Simpósio Brasileiro do Guaraná*, em Manaus.

A pesquisadora Raimunda Fátima Ribeiro de Nazaré, da Embrapa Amazônia Oriental, iniciou os estudos da industrialização das sementes do cupuaçu, concluindo em 2 anos o que foi batizado de cupulate.

Dezembro: Orçamento da Ceplac que tinha como suporte o Imposto de Exportação vigorou até outubro de 1989, quando a partir desta data passou a depender exclusivamente do Orçamento Fiscal da União, iniciando os graves problemas financeiros da Instituição.

1984

Produção máxima de cacau do País de 457 mil toneladas.

Prof. Rubens Rodrigues Lima inicia ciclo de 15 expedições botânicas, que seria encerrado em 1988, para coleta de germoplasma de plantas pré-colombianas.

Domínio da biologia da floração da castanha-do-pará pelo Cpatu.

1987

Grande estiagem no sul da Bahia, provocando a perda de produção de 100 mil toneladas de cacau.

Instalação da Unidade de Processamento Industrial da Sococo no Município de Ananindeua.

O primeiro plantio de abacaxi em Floresta do Araguaia embarcado em caminhão foi de Waldemar Rodrigues Costa

1988

Foi concluída a fábrica de sucos da Associação de Fomento Agrícola de Tomé-Açu (Asfata), fundada em 1981, que passou para administração da Camta em 1991.

Paulo de Tarso Alvim tomou conhecimento, por meio do fazendeiro Clodomir Xavier de Oliveira, de Ubaitaba, de que agricultores vindos de Rondônia conduziam frutos de cacau infestados com vassoura-de-

-bruxa. Foram tomadas todas as providências visando o seu controle, mas a praga se manifestou nos anos posteriores.

Aparecimento da vassoura-de-bruxa nos cacauais de Uruçuca, BA. A entrada de vassoura-de-bruxa está relacionada com a ida de trabalhadores baianos para trabalhar nas terras adquiridas em Rondônia e em garimpos, tendo na volta trazido fungos dessa moléstia.

Em setembro foi implantada a Resolução 161, substituindo a Resolução 42, depois de duas décadas, que se torna mais rigorosa com relação à qualidade do cacau amazônico.

Grande estiagem no sul da Bahia com perda de 90 mil toneladas de cacau.

Bonal S.A., grupo belga que atua no Brasil desde 1977, inicia plantios comerciais de pupunha no Município de Senador Guiomard Santos, a 76 km de Rio Branco, que foi transformado em projeto de assentamento Nova Bonal.

Desenvolvimento em caráter experimental de açaí desidratado pela Embrapa Amazônia Oriental.

1987

Início da expansão do cultivo do abacaxi em Salvaterra levou no final da década de 1980 à autossuficiência do Estado do Pará.

1989

11 de julho: Deliberação da Diretoria 008/89 criou o Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia, em Manaus, substituindo o Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê e a Uepae de Manaus.

29 de setembro: Lei 7.827 criou o Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO).

26 de outubro: A Resolução 1.661, do Conselho Monetário Nacional suspende a fonte de recursos da Ceplac advinda da taxa do Imposto de Exportação.

Disseminação da vassoura-de-bruxa nos cacauais da Bahia em grande escala.

1990

Boletim de Pesquisa 108, editado pelo Cpatu, publicou a descrição do processo de fabricação do cupulate e ao mesmo tempo efetuou o pedido de reserva de patente de processo e do produto junto ao

Ministério da Justiça/Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi) (Nº PI 9003739), que oficializaram a tecnologia.

1991

1º de março: Deliberação da Diretoria 004/91 criou o Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental, substituindo o Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido, a partir de 2 de abril.

Deliberação da Diretoria 005/91 alterou a denominação de Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia para Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Ocidental, localizado em Manaus.

1993

Foi realizado o 1º *Festival do Abacaxi* em Floresta do Araguaia.

1994

Implantação da Citropar – Citrícos do Pará, maior produtora de laranja no Estado do Pará, nos municípios de Capitão Poço e Garrafão do Norte, uma fazenda com mais de 3 mil hectares cultivados com laranjeiras.

Existiam na Bahia 296 mil hectares que ainda estavam livres da vassoura-de-bruxa.

1995

Na cidade de Taperoá, a 300 km de Salvador, a empresa Naturkork e Naturwaren – Import & Grobhandel adquire o guaraná orgânico, reconhecido pelo Instituto Biodinâmico (IBD) e exporta para a Alemanha. Em 1995, foi feita a primeira exportação de 2 t de guaraná orgânico. Em 1999, 3,5 t e, em 2000, 4 t foram exportadas para a Alemanha. A empresa adquire aproximadamente 7 t de guaraná orgânico produzido por 21 produtores que cultivam o guaraná orgânico no Projeto Onça.

O Brasil perde para Gana a segunda posição que vinha mantendo desde a década de 1940.

Início das atividades da Amazon Frut – Frutas da Amazônia Ltda. na Ilha de Murutucu.

1996

25 a 29 de março: Realização do 1º Workshop sobre “As Culturas do Cupuaçu e da Pupunha na Amazônia”, em Manaus, Amazonas.

17 a 19 de dezembro: Realização do *Seminário Internacional sobre Pimenta-do-reino e Cupuaçu na Embrapa Amazônia Oriental*, patrocinado pela Jica, em Belém, Pará.

Entrada da mosca-da-carambola.

Márcia Mota Maués e Giorgio C. Venturieri descrevem a ecologia da polinização do bacurizeiro.

1997

Fevereiro: Utilizado pela primeira vez o processo de substituição de copa de cupuaçuzeiro, seguindo o mesmo procedimento utilizado para os cacauzeiros e cajueiros pelo pesquisador Rubens Rodrigues de Lima e José Paulo Chaves da Costa, para a substituição por clones mais tolerantes à vassoura-de-bruxa.

18 de setembro: O Ibama promulga a Portaria 108, permitindo a derrubada de castanheiras desvitalizadas para madeira, assinada pelo presidente do Ibama, Eduardo de Souza Martins.

Apenas 11 mil hectares dos cacauais da Bahia estavam livres da vassoura-de-bruxa.

23 de dezembro: A tese de doutorado no Centro de Ciências Biológicas da UFPA do pesquisador Oscar Lameira Nogueira, intitulada *Estratégias de Regeneração, Manejo e Exploração de Açaizais Nativos de Várzea do Estuário Amazônico*, sintetiza conjunto de práticas desenvolvidas pela Embrapa Amazônia Oriental e pelo Museu Paraense Emílio Goeldi sobre manejo de açaizeiros.

1998

5 de agosto: Registro da composição cosmética incluindo extrato de cupuaçu pela The Body Shop International, do Reino Unido com número de registro GB 2321644.

3 a 5 de novembro: *Workshop Biodiversidade: Recursos Genéticos Vegetais da Amazônia, de Plantas Medicinais, Aromáticas, Inseticidas e Corantes, com Potencial Socioeconômico*, realizado em Belém, patrocinado pela Sudam.

Implantada a empresa Muaná Alimentos visando à industrialização do fruto do açaí.

20 de outubro: Instalada a Floresta do Araguaia Conservas Alimentícias Ltda. (Flora) para exportação de polpa de abacaxi.

Detectada a presença da sigatoka-negra em Tabatinga no Estado do Amazonas e no Acre.

1999

1º de julho: Ocorreu a fusão da Companhia Antártica e da Companhia Cervejaria Brahma, resultando na Companhia de Bebidas das Américas (AmBev), que a imprensa enfatizou como sendo a primeira multinacional verde-amarela. Isso parece descortinar o nascimento do segundo *boom* do guaraná na Amazônia.

21 de outubro: A Pepsico Inc., produtora da Pepsi Cola, e a AmBev assinaram o International Masters Franchising Agreement, para distribuição do guaraná para mais de 175 países do mundo inteiro, a partir do ano 2000.

8 de novembro: Criada a Associação das Indústrias de Polpa e Suco de Frutas do Pará (Asspolpa), transformada 1 ano depois no Sindicato das Indústrias de Frutas e Derivados do Estado do Pará (Sindfrutas).

28 de novembro: Lançamento das cultivares de guaraná BRS-Amazonas, tolerante à antracnose, e BRS-Maués, tolerante à antracnose e ao superbrotamento, pela Embrapa Amazônia Ocidental, em Maués, Amazonas.

26 a 28 de novembro: Foi realizada em Maués a 20ª Festa do Guaraná.

Dezembro: Criação da Pupunha-Net, uma iniciativa do Grupo de Pesquisa com a Pupunha liderado pelo Inpa com colaboração de pesquisadores da Embrapa da Amazônia e Paraná, do Instituto Agrônomo de Campinas e outras instituições brasileiras.

Detectada a presença da sigatoka-negra em Rondônia

Embrapa Amazônia Ocidental recomenda as cultivares de bananeiras Caipira e Thap Maeo para vencer o aparecimento da sigatoka-negra.

2000

Detectada a presença da mosca-negra-dos-citros.

Detectada a presença da sigatoka-negra em Almeirim.

6 a 9 de novembro: Realização da 1ª *Reunião Técnica da Cultura do Guaraná*, em Manaus, na Embrapa Amazônia Ocidental, incluindo um minicurso sobre a cultura.

26 de dezembro: Fundado o Sindicato das Indústrias de Frutas e Derivados do Estado do Pará (Sindfrutas), que possui 19 indústrias associadas, todas instaladas nas regiões Nordeste Paraense e Metropolitana de Belém.

Hervé Rogez publica o livro *Açaí: preparo, composição e melhoria da qualidade*.

2001

Janeiro: Sucasa, empresa sediada em Castanhal, implantada com um investimento de R\$ 6 milhões, exportou a primeira partida de 21 t de um energético à base de açaí e guaraná em sacos plásticos de 100 g, que irão direto para lanchonetes e prateleiras de supermercados dos Estados Unidos, no valor de US\$ 45 mil.

26 de maio: Inaugurada a Amafibra – Fibras e Substratos da Amazônia Ltda, no Distrito Industrial de Ananindeua.

9 a 12 de outubro: Realizado em Porto Velho, Rondônia, o *Seminário Internacional do Agronegócio do Cacau: uma Alternativa para o Desenvolvimento Sustentável para a Amazônia*, promovido pela Ceplac, IICA/Prociotrópico e Embrapa.

30 de outubro: Registro da gordura do cupuaçu e de método para produzir e seu uso pela Asahi Foods Co. Ltd., no Japão, com número de registro JP 2001299278.

20 a 22 de novembro: Realização da *2ª Reunião Técnica da Cultura do Guaraná*, em Belém do Pará, na Embrapa Amazônia Oriental.

20 a 25 de novembro: Realização da *1ª Amazontech*, em Boa Vista, numa iniciativa das unidades do sistema Sebrae situadas na Amazônia Legal, em parceria com a Embrapa e Universidades Federais da Amazônia, em cursos, palestras e produtos.

18 de dezembro: Nova patente pela Asahi Foods Co. Ltd. com número de registro JP 2001348593 sobre registro de óleo e gordura derivados da semente do cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*) e método para produzi-lo.

Restrições colocadas pelos países europeus quanto à tolerância de até 4 ppb (partes por bilhão) de aflatoxina, enquanto nos Estados Unidos o limite é de 20 ppb, levou à devolução de 466 t pela Alemanha, Itália, França, Holanda e Reino Unido, envolvendo um prejuízo de quase 423 mil dólares.

Detectada a presença da sigatoka-negra em Porto de Moz.

Embrapa Amazônia Ocidental efetua o lançamento da cultivar Prata ken, para vencer o aparecimento da sigatoka-negra.

Ryan Black fundou a Sambazon quando descobriu as potencialidades do açaí durante uma viagem de surf no Brasil.

2002

3 de julho: Ocorreu novo registro da produção e uso da gordura da semente do cupuaçu pela Asahi Foods Co. Ltd. para a União Europeia, com número de registro EP 1219698A1, simultâneo para a Ompi – mundial, com número de registro WO0125377.

5 de agosto: Charles R. Clement é condecorado com a Ordem Nacional do Mérito Científico – Classe Comendador.

6 de agosto: Criação do Programa Alimentos Seguros (PAS) por meio de parceria entre CNI/Senai e Sebrae.

11 a 12 de setembro: Realizada a *1ª Feira Internacional da Amazônia* (1º Fiam), promovida pela Suframa, em Manaus.

17 a 22 de setembro: Ocorreu em Rio Branco a *2ª Amazontech*, numa iniciativa das unidades do sistema Sebrae situadas na Amazônia Legal, em parceria com a Embrapa e Universidades Federais da Amazônia, em cursos, palestras e produtos.

17 de outubro: Verificou-se o registro da produção e uso da gordura da semente do cupuaçu pela Cupuaçu International Inc. para a Ompi – mundial, número de registro WO02081606.

18 a 22 de novembro: Realização do *17º Congresso Brasileiro de Fruticultura*, realizado em Belém.

18 de novembro: Lançamento de quatro clones de cupuaçuzeiro tolerantes à vassoura-de-bruxa (Coari, Codajás, Manacapuru e Belém). Esses clones foram selecionados pela Embrapa Amazônia Oriental, decorrentes das coletas efetuadas pelo Prof. Rubens Rodrigues de Lima, entre 1984 e 1988, em 15 expedições realizadas, com a formação de uma coleção constituída por genótipos coletados em condições silvestres, pomares caseiros e em plantios comerciais.

Embrapa Amazônia Ocidental recomenda as cultivares Prata Zulu e FHIA 18 para vencer o aparecimento da sigatoka-negra.

José Edmar Urano de Carvalho, Carlos Hans Muller e Walnice Maria Oliveira do Nascimento divulgam técnicas inéditas de propagação de bacurizeiros.

2003

9 de janeiro: A organização não governamental Amazonlink descobre o registro de cupuaçu pela Asahi Foods Co. Ltd., provocando uma grande discussão na mídia brasileira.

18 de janeiro: Artigo na revista *New Scientist* intitulado *Going bananas*

fala sobre o desaparecimento da banana.

19 de janeiro: O programa Fantástico exhibe a reportagem da New Scientist sobre a extinção da bananeira.

20 de março: O Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), Amazonlink, APA Flora e outros, protocola ação na Justiça japonesa para anular o registro da marca cupuaçu.

6 de agosto: O presidente da Cupuaçu International Inc., empresa gêmea da multinacional Asahi Foods, Mack Nagasawa, reuniu-se com o secretário estadual de Indústria, Comércio e Mineração do Pará, Ramiro Bentes. O encontro foi organizado pela Cooperativa de Agrícola Mista de Tomé-Açu e pela Câmara de Comércio Nipo-Brasileira do Pará. Depois de alegar perplexidade com a repercussão do caso do registro do nome da fruta cupuaçu como marca comercial, o empresário teria afirmado que não pretendia prejudicar os pequenos produtores da Amazônia em suas exportações. Foi concluído um termo de compromisso elaborado na reunião, no qual a Asahi Foods compromete a não recorrer de uma ação do governo pedindo o “repatriamento da marca”.

21 de agosto: Implantado o Polo de Fruticultura na Amazônia, inauguração da Nova Amafrutas e recreação da Sudam, com a presença do presidente Lula, em Belém.

24 a 27 de setembro: Realização em Manaus do 3ª *Amazontech*, numa iniciativa das unidades do sistema Sebrae situadas na Amazônia Legal, em parceria com a Embrapa e Universidades Federais da Amazônia, em cursos, palestras e produtos.

Constatada a presença da sigatoka-negra em Oriximiná.

2004

12 a 13 de janeiro: Realizado o curso de Manejo de Doenças do Maracujazeiro, pela Embrapa Amazônia Oriental com Esalq/USP, Nova Amafrutas, Embrapa Cerrados e Amazonflora.

1º de março: o Escritório de Marcas do Japão (JPO) em Tóquio cancela o registro como marca comercial do cupuaçu, solicitado pela multinacional japonesa Asahi Foods.

28 de junho: Foi divulgado o primeiro foco do mal da sigatoka-negra em São Paulo, na cidade de Miracatu, no Vale do Ribeira, pelo Instituto Biológico.

16 a 21 de agosto: Ocorreu em Cuiabá o 4ª *Amazontech*, numa iniciativa das unidades do sistema Sebrae situadas na Amazônia Legal, em parceria com a Embrapa e Universidades Federais da Amazônia, em cursos, palestras e produtos.

15 a 18 de setembro: Realização da 2ª *Feira Internacional da Amazônia* (2ª FIAM), promovida pela Suframa, em Manaus.

24 de novembro: Foi lançada a cultivar de açaí Pará, precoce e de baixa estatura, pela Embrapa Amazônia Oriental.

O pesquisador Rafael Moyses Alves inicia o trabalho de substituição de copas na propriedade do Sr. Mitinori Konagano, em Tomé-Açu.

A Embrapa Amazônia Ocidental recomenda a cultivar Pelipita e efetua o lançamento das cultivares BRS Prata Caprichosa e BRS Prata Garantida, para vencer o aparecimento da sigatoka-negra.

Lançamento do *Manual de Segurança e Qualidade para a Cultura da Castanha-do-brasil*.

Publicação dos *Anais do Seminário Açaí: possibilidades e limites para o desenvolvimento sustentável no estuário amazônico*.

Pesquisadores da Embrapa Amazônia Oriental e da Universidade Federal do Pará patentearam um novo composto odontológico evidenciador de placa bacteriana que tem como base o corante natural do açaí. O produto foi apresentado oficialmente durante o *Ciência para Vida 2004*, evento promovido pela Embrapa, em Brasília.

2005

18 de março: Ocorreu o lançamento do selo alusivo ao cupuaçu, procurando dar visibilidade a uma fruta amazônica que foi sujeita a registro de marca.

A Embrapa Amazônia Ocidental efetua o lançamento da cultivar BRS Vitória e BRS Japira para vencer o aparecimento da sigatoka-negra.

A Bolthouse do Brasil Indústria e Comércio de Frutas, Polpas e Sucos inicia a operação de sua unidade de produção de açaí, no Distrito Industrial de Icoaraci.

2006

11 de fevereiro: Realização do 1º *Curso de Manejo de Bacurizeiros* e do 1º *Festival do Bacuri*, em Camará, Cachoeira do Arari, pela Embrapa Amazônia Oriental e pela Emater-Pará.

4 a 5 de abril: *Workshop Regional da Castanha-do-brasil: pesquisa, produção e comercialização*, realizado pela Embrapa Amazônia Oriental, em Belém.

7 a 10 de junho: Foi realizado o 1º *Frutal Amazônia – Semana da Fruticultura, Floricultura e Agroindústria*, em Belém, Pará.

30 de agosto a 2 de setembro: Realização da 3ª *Feira Internacional da Amazônia* (3ª Fiam), promovida pela Suframa, em Manaus.

Outubro: Falência da Nova Amafrutas com grandes dívidas do Banco da Amazônia.

22 a 26 de novembro: Realização em Belém do 5ª *Amazontech*, numa iniciativa das unidades do sistema Sebrae situadas na Amazônia Legal, em parceria com a Embrapa e Universidades Federais da Amazônia, em cursos, palestras e produtos.

Lançamento do *Manual de Manejo de Bacurizeiros* pela Emater/PA e pela Embrapa Amazônia Oriental.

2007

20 a 23 de junho: Foi realizado o 2ª *Frutal Amazônia* – Semana da Fruticultura, Floricultura e Agroindústria.

23 a 25 de novembro: Realização da 8ª *Festa do Cacau* em Medicilândia.

13 de setembro: 1ª *Seminário Regional da Cadeia Produtiva da Fruticultura Familiar*, realizado em Marabá, pela Emater-Pará.

2008

24 a 26 de março: 1ª *Encontro de Frutas Nativas das Regiões Norte e Nordeste do Brasil* – Frutas Nativas: Novos Sabores para o Mundo, realizado em São Luís, Maranhão.

20 de maio: O presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva sanciona a Lei n.º 11.675, estabelecendo o cupuaçuzeiro como fruta nacional.

26 a 29 de junho: Foi realizado o 3ª *Frutal Amazônia* – Semana da Fruticultura, Floricultura e Agroindústria.

11 a 13 de setembro: Realização da 4ª *Feira Internacional da Amazônia* (4ª Fiam), promovida pela Suframa, em Manaus.

25 a 29 de novembro: Ocorreu em São Luís o 6ª *Amazontech*, numa iniciativa das unidades do sistema Sebrae situadas na Amazônia Legal, em parceria com a Embrapa e Universidades Federais da Amazônia, em cursos, palestras e produtos.

2009

25 a 28 de junho: Foi realizado o 4ª *Frutal Amazônia* – Semana da Fruticultura, Floricultura e Agroindústria.

25 a 28 de novembro: 5ª *Feira Internacional da Amazônia* (5ª Fiam), em Manaus.

A Embrapa Amazônia Ocidental efetua o lançamento da cultivar BRS Conquista, para vencer o aparecimento da sigatoka-negra.

Cultivares de guaraná BRS Luzeia, BRS Munduracânia, BRS Cereçaporanga e BRS Andirá com previsão de lançamento para 2010.

2011

18 a 22 de outubro: Realização do *Amazontech 2011* em Palmas, Tocantins.

2012

15 de março: Lançamento da variedade de cupuaçuzeiro Carimbó, em Tomé-Açu.

13 a 17 de novembro: Realização da *Amazontech 2012*, em Macapá, Amapá.

12 a 13 de dezembro: Seminário Plano Nacional para a Promoção de cadeias de valor de Produtos da Sociobiodiversidade (Plano Sociobio), em Belém.

Comentários finais

A fruticultura deve estar inserida no programa governamental do Plantio de Um Bilhão de Árvores, lançado pelo presidente da República, em Belém, no dia 30 de maio de 2008. A fruticultura deve ser entendida como uma alternativa para ocupar áreas já desmatadas, promover o reflorestamento e garantir emprego e renda para as populações regionais. Em todas as atividades relacionadas à fruticultura o controle de pragas e doenças e a oferta de alimentos seguros representa uma prioridade importante.

A região Norte se destaca no cenário regional e nacional na produção de diversas fruteiras, tanto anuais como perenes e extrativas. Dentre os estados componentes, o Pará ocupa a primeira posição nacional de cupuaçu, segundo lugar na produção de cacau e castanha-do-pará, terceiro lugar de banana e abacaxi e quarto em coco. Quanto aos produtos extrativos como palmito e castanha-do-pará, nota-se a primazia dos estados do Pará e Acre. O destaque cabe na produção de abacaxi, na qual o Estado do Pará é o maior produtor regional. Outra fruteira anual importante é a melancia, destacando-se o Estado do Tocantins como maior produtor regional. O cultivo de melão, que teve o seu auge no Estado do Pará durante a década de 1970, foi perdendo a sua importância com os plantios realizados no Nordeste e Sudeste do país, mais próximos dos grandes centros consumidores.

Tanto na produção de fruteiras temporárias como permanentes e de frutas extrativas existem dezenas de *produtos invisíveis*, isto é, que não existem oficialmente, uma vez que não fazem parte da coleta de dados do IBGE e que têm destacado papel na estratégia de sustentabilidade da agricultura familiar e grande importância econômica.

Quanto às fruteiras permanentes destacam-se banana, cacau, coco-da-baía, laranja, guaraná, entre as principais. Muitas fruteiras cultivadas na região ainda são invisíveis porque não fazem parte do sistema de coleta do IBGE, tais como a de cupuaçu, pupunha, açaí plantado, mas já apresentam uma expressiva área cultivada. Várias dessas culturas estão associadas com complexos agroindustriais, como é o caso de coco, abacaxi, laranja, goiaba, acerola, maracujá, cupuaçu, açaí, guaraná, entre outras. Pode-se afirmar que, no contexto das culturas perenes, as fruteiras são as dominantes e as exceções correm por conta das lavouras de café, pimenta-do-reino, dendê, urucum e palmito. Diga-se de passagem que de dezenas de fruteiras perenes que são cultivadas, como mangostão, rambutã, acerola, não são coletadas informações sobre a área plantada e a produção pelo IBGE.

Permanece o desafio quanto à implantação de sistemas agroflorestais utilizando fruteiras perenes e a sua inserção para o segmento dos pequenos produtores. É de destacar o grande crescimento do segmento de fruteiras perenes durante a década de 1990, impulsionada pela exposição da mídia com relação à Amazônia. Nesse sentido, várias fruteiras como cupuaçu, pupunha e açaí, cuja oferta dependia fortemente do extrativismo, passaram a ser plantadas racionalmente.

No que se refere aos produtos extrativos, apenas o fruto e palmito de açaí, castanha-do-pará e de buriti aparecem nas estatísticas oficiais. Ressalta-se, contudo, que existem dezenas de fruteiras extrativas que são comercializadas, das quais destacam-se bacuri, uxi e tucumã, cujos primeiros plantios começam a ser efetuados. Algumas dessas espécies são de difícil reprodução, como o uxi, que está caminhando para a extinção, e começam a ser cultivados entre os colonos nipo-brasileiros no Município de Tomé-Açu. O crescimento do mercado de bacuri também está induzindo a realização de plantios mediante enxertia, para apressar a frutificação e o tamanho da copa. Algumas dessas frutas nativas apresentam características regionais, como a venda e consumo de tucumã nas ruas da cidade de Manaus e da pupunha cozida na cidade de Belém.

Deve ser ressaltado que existe uma escassez de informações econômicas sobre fruteiras regionais e, quando se trata de fruteiras amazônicas, grande parte delas sequer são incluídas nas estatísticas agropecuárias.

Nos últimos anos, várias frutas amazônicas e outros produtos da biodiversidade amazônica tiveram seus princípios ativos identificados e patenteados e nomes de frutas, como cupuaçu e açaí, sendo registradas como marcas por instituições dos países desenvolvidos. Isso indica que o atraso tecnológico e a falta de experiência no comércio e de direito internacional podem conduzir a graves prejuízos econômicos e de imagem para a região.